



A bossa nova mudou. Em vez de falar de céu, sol e mar, a moderna música popular brasileira conta as coisas da vida, amor e liberdade. Os jovens que fazem e interpretam essa música são

A NOVA ESCOLA DO SAMBA

Texto de Narciso Kalili
Fotos de David Drew Zingg

A revolução que João Gilberto, Antônio (Tom) Carlos Jobim e Vinícius de Moraes iniciaram na música popular brasileira continua, mas mudou muito. Nos objetivos, forma e conteúdo. A bossa-nova não fala mais só de barchinho-sorriso-amor-flor. Nem apenas de terra-fome-sêca-miséria. Não se discute mais se ela é samba-jazzificado ou jazz-sambificado. Nesses oito anos de vida, a bossa-nova mudou até de nome. Agora é moderna música popular brasileira — MMPB. E não pertence mais, como em 1958, quando surgiu a bossa, a um grupo só, uma igreja local. Hoje ela é a própria música popular, influenciando e recebendo influência das manifestações musicais de todas as regiões do Brasil.

Ouvindo-se duas músicas — uma de



1958/60, o "Lôbo Bôbo", outra de hoje, "A Banda" — notam-se as grandes diferenças: o ritmo, a harmonia, a interpretação, é principalmente o tema e a forma de fazer poesia: a de Bôscoli e Menescal é assim:

Era uma vez um lobo mau/ Que resolveu jantar alguém/ Estava sem vinho mas se arriscou/ E logo se estre-pou./

A de Chico Buarque diz:

Estava à toa na vida/ O meu amor me chamou/ Pra ver a banda passar/ Cantando coisas de amor/.

Mas, apesar das transformações de João Gilberto para cá, várias constantes permaneceram. Uma é fundamental: a moderna música popular brasileira, como a bossa-nova, é feita por jovens, para os jovens.

Disputa comercialmente com o ié-ié-ié o gosto da juventude — esse imenso mercado que as empresas de disco descobriram recentemente — numa luta em que ainda se vê inferiorizada, mas que pode virar.

Por seis razões principais: 1) o sucesso dos três festivais de música brasileira realizados este ano; 2) a gravação de quase 600 novas músicas por mês; 3) o aparecimento de dezenas de jovens, entre 18 e 25 anos, que fazem música de qualidade e quantidade só comparadas à primeira fase da bossa-nova; 4) os shows e peças dos teatros paulistas e cariocas encenados com base na MMPB; 5) o debate diário e apaixonado de seus problemas, através de todos os meios de divulgação; e 6) a popularidade de seus intérpretes e compositores, como Edu Lôbo, Chico Buarque, Vi-

Paulinho da Viola, compositor; Gilberto Gil, compositor; Toquinho, violonista; Chico Buarque de Holanda, compositor; Nara Leão, cantora.

nícius de Moraes, Nara Leão, Elis Regina, Jair Rodrigues.

Ao contrário dos compositores de ié-ié-ié, os jovens da MMPB são, de maneira geral, mais conseqüentes. Em seu protesto vão além das danças exóticas, das boti-nhas, dos cabelos compridos e da lamentação — através de suas músicas — sobre a amada que não vem. Sem esquecer seus dramas de amor e suas angústias pessoais, falam também dos problemas políticos, sociais e econômicos de seu tempo. Isso porque possuem as informações sobre o que é o mundo e o que o mundo faz, pois na maioria são universitários.

SEGUE

No comêço: barquinho, amor, mar, flor

No campo restrito da música, aumentam as diferenças entre os dois grupos de jovens. As composições da MMPB são mais ricas musicalmente, complexas, refinadas. Elas representam uma classe média intelectualizada, que ouve muito discos, lê bastante, tem tempo para estudar e dinheiro para contratar professores ou frequentar escolas. Em consequência, essas músicas não são simples instrumentos de satisfação pessoal. Duas músicas dos dois grupos — "Você me Acende" e "Olé, olé" — cantam até o amor de maneira diferente. Diz a primeira, nos programas de rádio:

Meu bem, meu bem/ cada vez que eu te vejo/ Meu bem, meu bem/ Mais arumenta o meu desejo/ Me acende com teu beijo/ Uh, uh, uh, uh.

E a segunda:

Não chore ainda não/ Que eu tenho uma razão/ Pra você não chorar. Felicidade aqui,/ Pode passar e ouvir/ E se ela fôr de samba/ Há de querer ficar.

Todas essas diferenças podem ser encontradas nas próprias origens dos dois tipos de música, embora ambos tenham uma coisa em comum; a popularidade entre a juventude. De maneira geral, a música popular tem três formas de manifestação. A primeira chamada folclórica, é música congelada em determinada época e que permanece tal qual era cantada ou tocada quando surgiu. É o caso dos sambas de roda, da Bahia; das incelenças, do Nordeste; e das modinhas de viola, do Centro-Sul. As outras duas formas são de origem urbana. Uma, nascida da própria imaginação popular, é aproveitada e divulgada pela televisão e pelo rádio; a outra liga-se ao sucesso de determinada música, cantor ou dança. Está sempre vinculada aos interesses da indústria de disco, que a relança em vários países simultaneamente, impondo-a pela repetição constante. Ainda que a primeira se modifique de acordo com as circunstâncias, continua presa às características humanas de seus criadores. O comportamento social, político e econômico de quem fez a música pode ser analisado através de sua letra e melodia. No primeiro caso está a música de Noel Rosa e Chico Buarque, e no segundo a de Carlos Gardel e a dos Beatles.

Nem todos os países possuem esses tipos de manifestação musical e, mesmo entre



1) Pixinguinha, flautista e compositor. 2) Dorival Caymmi, cantor e compositor. 3) Vinícius de Moraes, poeta. 4) Baden Powell, violonista e compositor. Na capa do LP, Tom Jobim, pianista e compositor.

os que possuem, são poucos os que podem ser comparados ao nosso, dada a versatilidade e a criatividade musical do brasileiro. O nosso folclore é considerado um dos mais ricos do mundo. E a nossa música popular tem as mais variadas formas de expressão rítmica e melódica: carnaval, modinhas, canções praieiras, sambas de breque, frevo, xaxado, baião. A todas as manifestações juntou-se a bossa-nova, que unificou a música popular brasileira. A revolução começou com o lançamento de um LP de Elizete Cardoso, em 1958, com músicas de Tom Jobim e Vinícius de Moraes e onde João Gilberto fazia acompanhamento com violão.

Saturados dos boleros, chá-chá-chás e rock-baladas, alguns jovens da classe média voltam-se para o jazz como única possibilidade de satisfação musical. Esses jovens, quase todos da Zona Sul do Rio (a bossa-nova é fenômeno tipicamente carioca), tinham boas possibilidades econômicas, acesso aos discos e aos professores de música. Podiam, assim, ganhar uma técnica aprimorada de execução e bons conhecimentos de teoria musical. Surgiram as jam-sessions e depois os clubes de jazz. Somando-se a isso o clima de euforia nacionalista do governo JK, estavam lançadas as bases do movimento de renovação da música brasileira. Faltava apenas uma coisa para a revolução ganhar as ruas: alguém que conseguisse interpretar tudo o que os rapazes desejavam, cantando ou tocando. Então apareceu João Gilberto.

Esse baiano tímido e de fala mansa, considerado hoje o maior intérprete da música popular brasileira de todos os tempos, trouxe para os jovens um novo balanço com a simplificação e unificação do ritmo, o enriquecimento das harmonias, a interpretação intimista e integrada ao acompanhamento.

Das jam-sessions, os jovens revolucionários, como numa autêntica conspiração, começaram a realizar as samba-sessions nos apartamentos de Copacabana, incorporando as descobertas de João Gilberto: nascia a bossa-nova e uma quantidade enorme de melodias era atirada no mercado. Foi o tempo de "Desafinado", "Samba de uma Nota só", "Chega de Saudade", etc. A mais característica da época, mostrando as preocupações do grupo, foi "Desafinado":

Se você insiste em classificar/ O meu comportamento de antimusical/ Eu mesmo mentindo devo argumentar que isso é bossa-nova/ Isto é muito natural.

Os temas da nova música eram extraídos do dia a dia da Zona Sul carioca, das aspirações desses jovens de classe média desligados das tradições musicais e das reivindicações e problemas da massa proletarizada da Zona Norte. Então o amor-barquinho-sorriso-flor foi tema constante de suas composições. Cantavam as coisas e os problemas que os cercavam apenas superficialmente. O "Barquinho", de Ro-

naldo Bôscoli e Roberto Menescal, mostra isso:

Dia de luz / Festa do Sol/ Um barquinho a deslizar/ No mar azul do mar.

Quatro anos depois do aparecimento da bossa-nova os seus temas, tanto poéticos quanto melódicos, pelo uso constante, esgotavam-se. O público foi diminuindo e a música nacional deu lugar, facilmente, aos ritmos importados. Apesar disso, o sucesso alcançado por João Gilberto e Tom Jobim nos EUA impressionou muitos autores que começaram a compor exclusivamente para o mercado norte-americano, repetindo o esquema das músicas que haviam feito sucesso: amor-barquinho-sorriso-flor.

Aconteceu, então, a primeira grande divisão no movimento.

A bossa-nova oferecia muitos caminhos para os jovens inconformados com a imitação das músicas de Tom, João Gilberto e Vinícius. Um deles foi a união dos jovens compositores dissidentes com os músicos de orelha, que compunham nas mesas de botequim, batendo em caixas de fôsforo. Estes, amedrontados com a técnica e conhecimentos musicais dos moços, até ali haviam ficado alheios à bossa-nova. Não só por isso, mas também porque os primeiros compositores do movimento de 1958, desejando romper com tudo o que consideravam superado em matéria de música popular, não os procuravam. Os dissidentes, porém, preocupados em manter as linhas mestras da tradição popular na música brasileira, se juntaram aos músicos de orelha. Nasceram então as primeiras parcerias entre jovens da bossa-nova e velhos sambistas de morro. São dessa fase os sambas de Carlos Lira e Zé Kéti, Vinícius de Moraes e Pixinguinha e outros.

Por outro lado, a atmosfera do período em que viviam (governo João Goulart) levou alguns dos jovens compositores a se integrarem no movimento geral realizado pelo ISEB e pela UNE, na tentativa de encontrar uma vida intelectual voltada para a realidade brasileira. São dessa época o cinema-novo e os Teatros de Arena do Rio e São Paulo. Entre os que se ligaram a essa corrente estavam Carlos Lira, Sérgio Ricardo e a cantora Nara Leão, que na época rompeu publicamente com a bossa-nova. E um compositor que vinha surgindo, Edu Lobo. Isso, também, permitiu o aparecimento — para o grande público — dos antigos e novos compositores de samba tradicional que, de outra maneira, nunca teriam suas músicas gravadas. É o exemplo de Elton Medeiros, Cartola, Nelson Cavaquinho.

O outro grupo resolveu continuar compondo para exportação, guardando a influência do jazz em suas melodias e a interpretação intimista da fase de João Gilberto. Jonny Alf, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal, Aloísio de Oliveira são exemplos dessa tendência. segue

Depois: sêca, miséria, fome, nordeste

Quando a música, juntamente com o cinema-nôvo, o teatro, a literatura e os estudos sociais, estava nesse estágio, veio a revolução de 1964. A pressão governamental contra organismos como a UNE e o ISEB fêz com que os jovens se reagrupassem em torno de experiências de integração literatura-música-teatro. Surgiram então espetáculos como "Opinião e Liberdade, Liberdade". Os jovens compositores, burlando a censura e em alguns casos contando com a liberalidade do governo, aprofundaram suas ligações com a música de participação. João do Vale, um compositor de balão, e Zé Kéti, que anteriormente já fôra lançado para o grande público através de suas parcerias com Carlos Lira, apareceram cantando as reivindicações da intelectualidade de esquerda. São dessa fase as músicas "Plantar pra Dividir" e "Opinião":

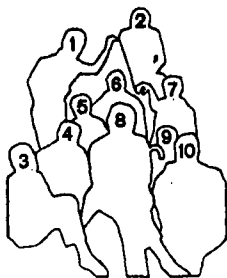
Mas plantar pra dividir,/ não faço mais isso não.

Podem me prender/ podem me bater/ que eu não mudo de opinião.

O sucesso alcançado por êsse tipo de música, fêz com que a bossa-nova sofresse nova cisão. Não concordando com os que viam nas músicas participantes apenas o sucesso comercial e achando que novamente a música nova se repetia, esgotando desta vez tôdas as fórmulas de cantar as misérias na trilogia fome-sêca-Nordeste, os jovens compositores se rebelaram. Disso nasceu nossa moderna música popular.

Aceitando as contribuições da bossa-nova (riqueza harmônica, poli-rítmia, tratamento intelectualizado dos temas poéticos e preocupação de sólidos conhecimentos musicais) e da música participante (procura constante de temas folclóricos, integração na vida nacional, interligação entre o morro e a cidade, entre o proletariado e a classe média), a MMPB procura os seus caminhos. E essa nova revolução somente pode ser compreendida quando se conhece os jovens compositores, suas músicas, seus problemas e preocupações consigo mesmos e com o mundo que os cerca.

Os refletores estão apagados. No centro do Teatro de Arena, apenas uma luz ilumina um tablado onde estão sentados Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Capinam e Torquato, o único não baiano, apesar de ter



- 1) Francis Heime, pianista e compositor.
- 2) Marcos Vale, pianista e compositor.
- 3) Airton Barbosa, do Quarteto Villa Lobos.
- 4) Torquato Neto, poeta.
- 5) Caetano Veloso, poeta e compositor.
- 6) Macalé compositor.
- 7) Paulo Sérgio Vale, poeta.
- 8) Sidney Miller, compositor.
- 9) José Carlos Capinam, poeta.
- 10) Edu Lôbo, violonista e compositor.

passado grande parte de sua vida em Salvador. Os cinco estão recordando o passado. Fala um de cada vez. O primeiro é Gilberto Gil, mulato, o mais gordo e alegre do grupo:

— Tenho 24 anos de idade e o curso de administração. Sou casado. Morei e me criei em Itauçu, no sertão baiano, onde meu pai, médico, foi trabalhar. Minha infância foi tranqüila. O curso primário fiz com minha mãe, em casa, e depois fui estudar em Salvador. Já me impressionavam, nessa época, as músicas cantadas pelos sertanejos de Itauçu e o baião, que a sanfona de Luís Gonzaga espalhava pelo sertão da Bahia. Resolvi tocar acordeão em Salvador. Pouco antes de entrar na Universidade, o rádio começou a tocar as músicas de João Gilberto. Fiquei impressionado e aprendi a tocar violão e a compor bossa-nova no estilo dêle. Então percebi que havia muita diferença entre seguir uma orientação moderna e modernosa. O moderno era aproveitar tudo o que já havia sido feito em música, sem imitar, é claro. E modernoso era negar todo o passado a pretexto de superação. A nossa música para enriquecer-se, tornar-se popular, precisa ser moderna, isto é, aproveitar o que já foi feito de bom, criando sobre essa base, e mais sólidos conhecimentos musicais, coisas novas. E a sensibilidade, coisa que não se aprende na escola, deve presidir a tudo isso. A nossa música pode ter até pretextos políticos, mas como elementos normais, espontâneos, sem que o compositor faça êsse tipo de música somente porque está na moda. Os caminhos são muitos, mas o trilho é um só: qualidade.

Com êsse esquema, Gilberto Gil fêz um samba apresentado no Festival da TV-Record, "Ensaio Geral":

O rancho do nôvo dia,/ o cordão da Liberdade/ e o bloco da mocidade/ vão sair no carnaval/ É preciso vir à rua/ esperar pela passagem/ é preciso ter coragem/ e aplaudir o pessoal.

Quando Gilberto Gil terminou de falar, Caetano Veloso que permanecera cabeça-baixo, levantou o rosto. É um moço magro, calmo, de rosto fino e mãos compridas. O cabelo longo é preto como os olhos. De fala mansa, êle quase nunca se abaia. O que sua irmã Maria Bethânia tem de agitação, extroversão e alegria, Caetano tem de introspecção, tranqüilidade e tristeza. Êle acentua cada palavra:

— Tenho 24 anos, sou solteiro, filho de funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos em Santo Amaro, interior da Bahia, onde nasci. Passei a infância lá mesmo, sentindo curiosidade pelo que me cercava e fascinação por tudo o que me poderia tirar de Santo Amaro. Nesse tempo, eu pintava, escrevia, desenhava e tocava piano. Em 1960 fui para Salvador e ingressei na Faculdade de Filosofia. Estáva em evidência a bossa-nova de João Gilberto. Depois de ouvir o que êle fazia, decidi enfrentar com maior responsabilidade a ta-

refa de saber música. Aprendi a tocar violão e entrei para o grupo do Teatro Vila Velha, em Salvador. Preocupado com as coisas que Tom, Vinícius e João Gilberto formulavam, resolvi usar seus métodos na pesquisa de nossas raízes folclóricas. Daí em diante mudei pouco, pois já havia abandonado a preocupação formal da bossa-nova e queria fazer música brasileira, mesmo sem as pesquisas de harmonia e de forma poética. Hoje digo o que sinto, com o aperfeiçoamento musical que adquiri e com a consciência que a realidade brasileira me dá. Foi assim que falei de amor, na música "Um Dia":

Vê se alegre tudo agora/ vê se pára de chorar/ abre os olhos, mostra o riso/ quero, careço, preciso/ de ver você se alegrar.

Todos saem do palco, as luzes se acendem e o ensaio do show "Pois é" começa. Enquanto Maria Bethânia e Gilberto Gil cantam a música "Louvação", José Carlos Capinam e Torquato Neto observam. Capinam é o mais baixo e o mais culto do grupo. Franzino, calmo, só se empolga quando discute política. Êle e Torquato, que tem a pele branquíssima apesar de muitos meses de Rio, começaram a fazer música recentemente, antes eram apenas poetas. Capinam tem 24 anos e Torquato 21. O primeiro nasceu em Pedras, interior da Bahia, filho de funcionário da Estrada de Ferro Leste Brasileiro. Permaneceu em sua terra até os 18 anos, quando foi estudar direito em Salvador.

Torquato é de Teresina, no Piauí, filho único de um promotor público. Aos 16 anos foi para Salvador, pois os padres do colégio onde estudava expulsaram-no por fazer política. Capinam e Torquato ligaram-se quase imediatamente ao Teatro Vila Velha, ali conhecendo Gilberto Gil, Caetano Veloso e Maria Bethânia.

Em música, Capinam está começando agora, mas classificou uma música no Festival Internacional da Canção, no Rio; feita de parceria com Gilberto Gil, "Viramundo":

Sou viramundo, virado/ de ronda das maravilhas/ cantando a faca e facão/ os desastre da vida.

Torquato já tem perto de 30 letras, feitas para canções de Gilberto Gil, Edu Lôbo e outros. Delas, a mais popular é "Louvação":

Vou fazer a louvação, louvação, louvação/ do que deve ser louvado, ser louvado, ser louvado/ meu povo preste atenção, atenção, atenção.

Tanto Capinam como Torquato concordam com os caminhos propostos por Gilberto Gil e Caetano Veloso para a MMPB. Capinam acrescenta:

— A poesia, na música, deve formar uma unidade. Mas separadamente, a melodia e o poema devem ter vida própria. Quanto à participação, cantar a vida e o amor do brasileiro é o que basta. segue

No caminho: morro, clássicos, folclore

Mas não é só fazer música boa e esperar: devemos montar máquinas de informação, promoção e vendas como as que a turma do ié-ié-ié usa, para levar nossa música ao povo.

Edu Lôbo, Marcos Vale, Francis Heime e Adílson Godói são compositores preocupados com os clássicos. Todos, de uma maneira ou de outra, estão pesquisando há algum tempo a construção harmônica das músicas eruditas.

Edu está com 22 anos. Fala quase sempre sobre música. É inteligente, culto. Foi até o terceiro ano da Faculdade Nacional de Direito e sempre morou em Copacabana. Dos seis aos 12 anos estudou acordeão e descobriu o violão aos 16, ouvindo primeiro João Gilberto e depois Baden Powell. Daí em diante, Edu só pensou em música:

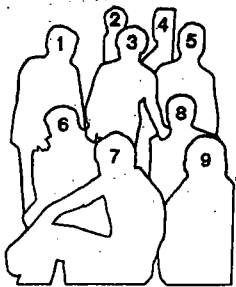
— Influenciado pela riqueza do folclore brasileiro, estudei ritmo dos 18 aos 20 anos. Foi durante essa época que fiz "Reza", "Arrastão", "Aleluia", nas quais Rui Guerra e Vinícius colocavam a letra. Edu fez música folclórica influenciado principalmente pela poesia de João Cabral de Melo Neto, sem uma pesquisa de campo mais demorada, a não ser uma viagem a Recife. Por isso, suas composições nordestinas têm um sabor urbano capaz de agradar ao grande público, como "Reza":

Laia, ladaia sabadan, ave Maria/ laia, ladaia, sabadan, ave Maria/ se é fraca a oração/ mil vezes cantarei.

Depois do sucesso de "Arrastão", que venceu o 1.º Festival de Música Popular Brasileira, Edu Lôbo parou de compor músicas de estilo folclórico, dedicando-se à pesquisa de músicas clássicas. Dessa sua nova fase é "Jôgo de Roda".

É hora, é hora/ é hora de rda/ jôgo a vida/ jôgo a tarde/ jôgo a faca e a razão/ jôgo o mundo à sua sorte/ e a mentira eu jôgo ao chão.

Francis Heime, louro, olhos claros, família bem situada economicamente, é estudante de arquitetura. A música para ele ainda é atividade amadorística. Estudou piano desde menino. Todas as suas composições têm intensa elaboração. A produção de Heime é pequena e ele, que só faz as melodias, não tem sido feliz com seus parceiros. Exemplo disso é a música excelente que mandou ao Festival da Record, com uma letra que não faz justiça ao grande poeta que é Vinícius de Moraes:



- 1) Tenório Jr., do Tenório Trio;
- 2) Glória, do Quarteto Scala;
- 3) Cyva do Quarteto em Cy;
- 4) Roberto Menescal, compositor;
- 5) Severino Filho, de Os Cariocas;
- 6) Oscar Castro Neves, pianista e compositor;
- 7) Antônio José (Magro) do MPB4;
- 8) Milton Banana, baterista;
- 9) Edson Machado.

Vai e apaga do corpo seu/ cada beijo meu/ porque foi assim que/ ela me enlouqueceu./ Fatal,/ cruel, cruel demais.

Marcos Vale tem 23 anos e está no primeiro ano da Faculdade de Direito. É casado e faz músicas há seis anos. Está colocado entre os compositores que seguem a tradição de João Gilberto. Embora fazendo pesquisas de música erudita, a obra de Marcos Vale é mais internacional, com menos características de melodia e ritmo brasileiros. É seu irmão, Paulo Sérgio Vale, quem faz as letras, e enquanto estiveram ligados a Carlos Lira fizeram alguns sambas participantes, como "Terra de Ninguém". Mais tarde, retornaram à tradição de João Gilberto, da qual "Preciso Aprender a Ser só" é exemplo:

Ah, se eu te pudesse fazer entender/ sem teu amor eu não posso viver/ e de nós dois o que resta sou eu/ eu assim tão só.

Adílson Godói, advogado formado em Bauru (São Paulo), tem hoje 26 anos. É pianista, filho de músicos. Sua música foi mudando à medida em que ia desenvolvendo seus conhecimentos técnicos, pois até os 21 anos ele foi apurando seus trabalhos, apesar de manter sempre o mesmo filão, o romantismo e os grandes efeitos sonoros. Hoje, sua música mudou pouco, como prova a música "Vela Branca", apresentada no Festival da Record:

Lá, lá, lá, lá, lá, lá./ Vai pescueiro, vai pro mar/ vai pescueiro, cantando cai/ mar levando vai/ mar velando/ gente voltar.

Baden Powell é um dos mais velhos entre os compositores jovens. Aos 29 anos, parece ter encontrado a sua maneira de expressão musical através do que os críticos chamam de afro-sambas. Com formação típica de regional carioca, onde tocou cavaquinho, violão e viola durante quase 15 anos, Baden teve influência dos velhos músicos. Autodidata, recebeu também influências do jazz. Estudioso, aprendeu mais tarde orquestração e regência. Suas músicas, na segunda fase da bossa-nova — com letras de Vinícius de Moraes — deram à MMPB a característica negróide que os jovens estudantes buscavam para nacionalizá-la. Sua produção musical é imensa, mas por não ser letrista, algumas vezes sofre decepções. Mesmo assim, encontrou em Vinícius parceiro perfeito, como no "Samba da Bênção":

É melhor ser alegre do que triste/ alegria é melhor coisa que existe.

Baden não gosta de falar. É introspectivo e quando — depois do segundo uísque — levanta-se agitado para dar suas opiniões é sempre através de imagens. Sobre os compositores modernos e os caminhos da música, por exemplo, ele fala assim:

— Para derrubar uma casa é preciso saber onde está a viga mestra. Então a gente chega lá e bumba: com uma sim-

ples marretada a casa vem abaixo. Sem saber onde está a viga, a gente fica batendo a êsmo, sem mudar nada. É o que acontece com alguns compositores. Eles não querem estudar, saber como é feita a construção da música. Mas querem derrubar tudo. Como não sabem aonde está a viga, não obtêm nenhum resultado. Mas como fazer melodias é mais fácil do que estudar eles preferem ser compositores. Aí só saem musiquinhas.

Paulinho da Viola e Sidney Miller são dois compositores que por caminhos contrários estão fazendo a integração entre a música do morro e a música da classe média. Paulinho, com 24 anos de idade, filho de Benedito César criou-se entre os sambistas de morro e integrou escolas de samba desde garoto. Aprendeu a tocar violão sozinho — o pai queria que ele fosse contador — e seu primeiro samba refletia a vontade de ser músico:

Quem sou eu prá viver sem batucada/ Quem sou eu prá viver sem violão/.

Na segunda fase da bossa-nova, Paulinho ligou-se aos jovens da música participante e veio a necessidade de estudar — começou pelos clássicos — para compreender o que estava fazendo. Hoje leva para o morro uma música mais sofisticada, mais trabalhada, mais rica. Jorginho, da ala de compositores da Escola de Samba do Império Serrano, comentando o samba de enredo que Paulinho da Viola fez para a Portela — "Memórias de um Sargento de Milícias" — diz que "é música de morro, mas diferente". Sua música "Canção para Maria", para o festival da Record, mostra a simplicidade de sambista de morro com cultura musical:

Maria, Maria, raiou o dia/ estou no porto esperando/ faz três noites, faz três dias/ que a cidade está chorando/ está chovendo na Bahia.

Sidney Miller fez o caminho inverso de Paulinho. Nascido no bairro rico de Santa Teresa, no Rio, interessou-se muito cedo por música. Aos 12 anos já tocava violão, fazendo sua primeira música dedicada a uma menina que queria namorar. Estudante de sociologia, depois de uma fase romântica, Sidney voltou-se para o folclore do Centro-Sul brasileiro. Aos 18 anos compunha dois cancionários, de 30 minutos cada um, em que os temas folclóricos que recolhera numa viagem a Minas Gerais eram tratados de forma semi-erudita. Depois sentiu que sua música complicava-se e resolveu viver um pouco o samba de morro. O resultado disso foi o samba "Pedê Passagem":

Chegou a hora da escola sair/ Deixar morrendo no asfalto uma dor que não quis/ Quem não sente o que é ter alegria na vida/ Tem toda avenida para ser muito feliz/ Vai e arrasta a felicidade pela rua/ Esquece a quarta-feira e continua.

Hoje: vida e amor do povo brasileiro

Convidado para fazer parte da ala de compositores da escola de samba Império Serrano, Sidney Miller acredita que seu caminho é o samba urbano.

O mais jovem compositor de músicas de protesto é Luís Carlos Sá. Carioca de 20 anos de idade, nasceu em Vila Isabel e descobriu a bossa-nova no tempo de ginásio. Aprendeu a tocar violão e pouco depois já fazia "Giramundo", que Peri Ribeiro gravaria bem mais tarde:

Giramundo, me deixa esquecer/ Este amor que você fez de novo morrer.

Luís Carlos diz que abandonou a bossa-nova quando começou a perceber a realidade que o cercava, lendo economia e filosofia. Dessa fase, passou a outra, que considera mais consciente:

— Com a agitação dos problemas da terra, da fome, do Nordeste, comecei a interessar-me em levar para a música o que pensava a respeito de tudo. E os problemas dos jovens hoje não se restringem ao Brasil, são mundiais. Por isso tornei-me cidadão do mundo e fiz músicas como "Garota de Hirochima" e "Cavalo da Paz":

A primeira batalha começou/ O cavalo da paz vai se agitar/ E para cada criança que chorou/ Cinco cabos de guerra vão gritar.

Geraldo Vandré é de João Pessoa, na Paraíba. Foi para a Guanabara muito cedo e ali, em 1960, revelou-se como compositor fazendo a letra para uma canção de Carlos Lira, "Quem Quiser Encontrar o Amor":

Quem quiser encontrar o amor/ Vai ter que sofrer/ Vai ter que chorar/.

Ligando-se aos jovens da segunda fase do movimento bossa-nova, Geraldo passou a fazer músicas de participação, usando a temática nordestina que o havia impressionado na infância e cuja consciência ele adquiriu na literatura de João Cabral de Melo Neto, Guimarães Rosa e Jorge Amado. Mais tarde, em São Paulo, suas músicas tinham a entonação de canções de manifesto como "Fica Mal com Deus":

Fica mal com Deus/ quem não sabe dar/ fica mal comigo/ quem não sabe amar.

Essa fase, iniciada em 1962, foi evoluindo na temática e nas melodias através da urbanização da poesia de Geraldo Vandré, que culminou com a letra de "Porta-Estandarte", vencedora do primeiro festival de música popular brasileira realizado em 1966:

Olha que a vida é tão linda/ e se perde em tristezas assim/ Desce teu rancho cantando/ esta tua esperança, sem fim.

Depois disso, Geraldo Vandré foi pesquisar as modas de viola do Centro-Sul do Brasil. Ele mesmo explica porquê:

— Sob o pretexto de ser uma música extremamente pobre em melodia e cadência, a **modinha caipira** tem ficado num plano secundário por uma visão preconceituosa dos nossos músicos e letristas de classe média urbana. Realmente a moda de viola do Centro-Sul do Brasil é uma música pobre. Mas esse problema se resolve por um processo de adoção e recriação dentro de uma visão urbana que seja realizada por esses próprios músicos.

O exemplo dessa pesquisa realizada por Geraldo Vandré, é a música "Disparada", feita de parceria com Teófilo de Barros Neto:

Prepare o seu coração/ Pras coisas que eu vou contar/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ Eu venho lá do sertão/ E posso não lhe agradar.

Chico Buarque de Holanda, de 23 anos, ex-estudante de arquitetura, é o maior representante da música urbana brasileira da atualidade, seguindo a tradição firmada por Noel Rosa. Vivendo num ambiente intelectual — seu pai é o historiador Sérgio Buarque de Holanda — Chico formou-se com um sério espírito de pesquisa, mas com liberdade de interpretação que lhe possibilita, hoje, a criação mais autêntica. Carioca de nascimento, viveu e criou-se em São Paulo, passando também longo tempo na Europa. Travou conhecimento com a música em sua própria casa, onde se promoviam reuniões familiares à base de violão e compositores populares. Aprendeu a tocar violão tentando imitar os acordes, a voz e o balanço de João Gilberto. Mas aos 16 anos resolveu fazer suas próprias músicas. Dessa fase, Chico não guardou nada, não lembra nada, considerando tudo o que fez simples preparação para suas músicas de hoje. Ele diz que faz música por necessidade:

— Para mim é extremamente difícil a comunicação com os outros homens embora sinta necessidade imperiosa de fazer isso. A única maneira que encontrei foi através da música. É essa a minha forma de diálogo.

Chico fala muito pouco, embora não seja tímido. Dá a impressão constante de intensa elaboração interior. A cultura que possui, porém, somente aparece nas músicas que faz, pois sente grande dificuldade em formalizar suas idéias através de conversas. Mesmo assim, consegue definir alguns pontos que considera fundamentais no que está fazendo:

1 — O compositor deve estar situado em sua época. Deve ser participante. A sensibilidade não deve estar dirigida somente para a composição melódica, mas também para aquilo que pretende dizer.

2 — A música popular brasileira volta hoje às suas raízes, como se os primeiros que fizeram bossa-nova tivessem esquecido alguma coisa que cabe a nós ir buscar.

3 — Não sou compositor de músicas de protesto intencional. Isso porque quando

alguém se decide a fazer alguma coisa estraga a espontaneidade. É preciso sentir os problemas de hoje e traduzir esse sentir nas músicas. A música de protesto intencional é vazia, chata, complexada, passiva, pois apenas se queixa.

4 — Particularmente não dirijo minha música a ninguém. Ela é intuitiva, subjetiva, mas não egoísta, espero, pois sempre procurei viver junto ao povo, sentindo seus dramas e reivindicações. Sou subjetivo objetivamente.

5 — Acho fácil o povo cantar minhas músicas, pois interpreto a vida de maneira simples e o povo consegue cantar as coisas simples facilmente.

Chico Buarque de Holanda é pessimista. Para ele o bom de agora vai necessariamente acabar e ele sofre antes que isso aconteça. Suas músicas têm sempre essa colocação, em que o tempo é o carrasco das coisas boas que estão acontecendo. Para ele, nunca se deu tantas oportunidades aos jovens e às suas idéias como no mundo de hoje. Mas ele considera coisas como música aleatória, protest-songs, ié-ié-ié bobagens de uma revolta juvenil pré-fabricada, argumentando:

— Como vamos negar uma cultura que não tivemos e que existia nos países desenvolvidos onde esse protesto surgiu?

Chico Buarque de Holanda conseguiu o que Noel Rosa teve: através de uma visão de classe média, compõe músicas de boa qualidade musical e poética. E nas músicas de Chico o lirismo é simples, e a participação sentimental nos versos descritivos desencadeiam associações imediatas em quem canta. Como na "Banda":

O homem sério que contava dinheiro parou/ o faroleiro que contava vantagens parou/ a namorada que contava as estrelas/ parou para ver, ouvir e dar passagem.

Estes são os jovens que estão fazendo a renovação da música popular brasileira. Buscando caminhos diversos, contraditórios, mas essencialmente ligados à cultura e à tradição do país, eles continuam a revolução iniciada por Tom Jobim, João Gilberto, Vinícius de Moraes. A sua concepção do mundo e as reivindicações que fazem, estão resumidas na frase de um deles, o baiano José Carlos Capinam:

— Hoje nós devemos cantar a vida e o amor do homem brasileiro. FIM

- 1) Maria Helena Toledo, compositora.
- 2) Rosana Toledo, cantora.
- 3) Elia Regina, cantora.
- 4) Maria Bethânia, cantora.
- 5) Neta de Elizete.
- 6) Elizete Cardoso, cantora.
- 7) Rosinha de Valença, violonista.
- 8) Clementina de Jesus, cantora.



Quem canta?

Todos os compositores, críticos e diretores de estações de rádio e TV afirmam que existe uma crise de intérpretes na moderna música popular brasileira. Mesmo assim, três cantores, um conjunto vocal e um conjunto instrumental são considerados, hoje, como o primeiro time de intérpretes da MMPB.

NARA LEÃO — Carioca da Zona Sul, era tímida e introspectiva na infância. Ligou-se na juventude à turma da bossa-nova e apareceu como cantora. Pouco mais tarde, rompeu com o movimento dizendo que estava na hora de voltar às origens do samba. Nessa época, transformou-se no símbolo da música de participação, atuando no show Opinião. Ela tem uma constante: somente canta coisas de boa qualidade. E explica: "Quero fazer o que desejo, sem ter que prender-me a pessoas, partidos ou tradições existentes. Quero ser livre para cantar".

JAIR RODRIGUES — Filho de lavradores do interior de São Paulo, foi aprendiz de pedreiro e ajudante de alfaiate antes de cantor popular. Depois do sucesso de *Deixa Isso pra Lá*, ajudou Elis Regina a transferir o centro da MMPB para o Teatro Record, em São Paulo. Sua popularidade nasceu da simpatia e do jeito característico de cantar rindo, da maneira de curvar-se, dançar e bater palmas. No entanto, cantando *Disparada* mostrou que é capaz de interpretação correta, segura.

MPB-4 — Quatro jovens — o mais velho tem 25 anos — formam o conjunto vocal MPB-4, apontado pelos críticos como o mais representativo da atual fase da nossa música popular, apesar da alta qualidade e dos arranjos de *Os Cariocas*.

ZIMBO TRIO — É o conjunto instrumental mais perfeito tecnicamente. Atuando há dois anos, influenciou a formação de muitos conjuntos com a mesma estrutura: piano, bateria, contrabaixo. É formado por Amilton Godói, pianista; vencedor de três concursos nacionais; Luís Chaves considerado o melhor contrabaixista brasileiro; e Rubens Barsotti, também vencedor de vários concursos, como baterista de jazz.

ELIS REGINA — A figura mais importante entre os intérpretes da MMPB. Ex-normalista em Porto Alegre, Elis canta desde menina. Quando veio para o Rio, aos 19 anos (hoje tem 21), conheceu o estilo do dançarino norte-americano Lennie Dale — show visual ao lado da interpretação vocal — e os assimilou, criando seu próprio estilo. Venceu o 1.º Festival de Música Popular Brasileira, com a música *Arrastão*, o que lhe valeu um contrato com a TV Record de São Paulo, para a realização do primeiro programa de MMPB na televisão brasileira. Daí para a frente, ela não parou mais, transformando-se na intérprete mais popular, hoje, de música brasileira. Agora, Elis Regina revê toda a sua atuação anterior, atribuindo importância fundamental aos estudos da técnica de canto que vem fazendo. Mais madura, ela é a única intérprete que alia canto e técnica apurada ao talento brilhante. Sobre a MMPB e seus cantores, Elis afirma: "Uma cantora deve ser ouvida, vista e sentida emocionalmente pelo público. Consegue isto com afinação, respiração correta, divisão adequada de compassos musicais, obtidos com estudo constante e sensibilidade. Desta maneira, o cantor cria um estilo e se fixa junto ao público."

Para a realização desta reportagem foram consultados os seguintes especialistas em música popular brasileira: Nelson Lins de Barros, José Ramos Tinhorão, Sérgio Porto, Sérgio Cabral, Aloísio de Oliveira, Vinícius de Moraes, Júlio Medaglia, Franco Paulino, Rui Guerra e Manoel Carlos.

